

I e II JORNADAS DO GRUPO PET-ETNODESENVOLVIMENTO E EDUCAÇÃO DIFERENCIADA DA UFRRJ

CARVALHO, Alexandre Monteiro de¹
MAGALHÃES, Larissa Onasis Monteiro²
CONCEIÇÃO, Deborah Terezinha³
SILVA, Vagner Felix da⁴

RESUMO: A Jornada do Grupo EtnoPET é um evento realizado anualmente pelo grupo PET Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada (EtnoPET), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. Dentre as propostas de trabalho desenvolvidas pelo grupo, as Jornadas visam fomentar debates, divulgar e contribuir para implementar pesquisas acerca dos Povos e Comunidades Tradicionais, além de trazer saberes e reflexões de conhecimento popular para o meio acadêmico. Por se tratar de eventos que acontecem anualmente, as Jornadas do EtnoPET têm a característica de serem temáticas, ou seja, de acordo com os debates em voga no grupo e as atividades trabalhadas ao longo do ano, seleciona-se um eixo temático para ser desenvolvido e trabalhado com mais afinco durante o evento. Para melhor elucidação do projeto, serão abordadas no texto as experiências adquiridas através das Jornadas do Grupo EtnoPET I e II, realizadas nos anos 2018 e 2019.

PALAVRAS-CHAVE: conhecimento popular; etnodesenvolvimento; jornada acadêmica; povos tradicionais.

I and II JOURNEYS OF THE PET-ETNODESEVELOPMENT AND DIFFERENTIATED EDUCATION GROUP OF UFRRJ

ABSTRACT: The EtnoPET Group's Journey is an event held annually by the group PET Ethnodevelopment and Differentiated Education (EtnoPET), from

¹ Integrante do grupo PET Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada (EtnoPET), da UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). E-mail: amcarvalho.ufrj@gmail.com

² Integrante do grupo PET Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada (EtnoPET), da UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). E-mail: larissaonasis.adm@gmail.com

³ Integrante do grupo PET Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada (EtnoPET), da UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). E-mail: deborahvinhal1@gmail.com

⁴ Integrante do grupo PET Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada (EtnoPET), da UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). E-mail: vagfe88@gmail.com.

the Federal Rural University of Rio de Janeiro - UFRRJ. Among the activity proposals developed by the group, the events aims to foster debates, disseminate and contribute to implement research on Traditional Population and Communities, in addition to bringing knowledge and reflections of popular knowledge to the academic environment. As it is an event that takes place annually, the EtnoPET Journey has the characteristic of being thematic, that is, according to the debates in vogue in the group and the activities worked throughout the year, a thematic axis is selected to be developed and approached during the event. For better understanding of the project, were inserted in the text the experiences acquired through the I and II Journeys of the EtnoPET Group.

KEYWORDS: popular knowledge; religiosity; ethno development; academic journey; traditional population.

INTRODUÇÃO

O Grupo PET de Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada idealizado em 2010 na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Campus de Seropédica/RJ, possui em sua proposta de trabalho o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão voltadas para povos e comunidades tradicionais.

Segundo a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), instituída, por meio do Decreto 6.040 de 2007, Povos e Comunidades Tradicionais são:

[...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas própria de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

Entre os Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs) do Brasil, estão os povos indígenas, os quilombolas, as comunidades tradicionais de matriz

africana ou de terreiros, os extrativistas, os caiçaras, os caboclos, o pescadores artesanais, os pomeranos, os ribeirinhos, entre outros.

Considerando as demandas específicas destes grupos tradicionais, o EtnoPET através de seus "Eixos Temáticos", visa discutir e desenvolver subsídios para elaboração de práticas que complementem a formação acadêmica dos petianos e representantes das comunidades e povos tradicionais bem como divulgar, inserir e desmistificar possíveis "desinformações" a respeito dessas comunidades no meio acadêmico e social. Dessa maneira, o grupo assume os "compromissos epistemológicos, pedagógicos, éticos e sociais" (MOB-PET, 2006, p. 4) desenvolvidos pelo Programa de Educação Tutorial (PET).

A relevância das temáticas abordadas no grupo e as ações por ele desenvolvidas, são de extrema importância, visto que vivemos atualmente diante de grandes retrocessos no campo político-democrático, no que diz respeito aos direitos conquistados pelos povos e comunidades tradicionais do Brasil.

Visando a disseminação das dinâmicas realizadas pelos integrantes do grupo EtnoPET, em outubro de 2018 e dezembro de 2019 foram realizadas as Jornadas do Grupo EtnoPET I e II. Com o público formado por alunos, professores, petianos, funcionários e representantes da comunidade ao entorno, os eventos proporcionaram diversas rodas de conversas, mesas de debate, apresentações e exposição de trabalhos desenvolvidos entre discentes, docentes e integrantes do EtnoPET.

Em relação aos objetivos e preceitos da educação tutorial, a realização de eventos, onde temas relevantes possam ser discutidos de forma ampla e participativa, é essencial. Juntar discentes, docentes, servidores da Universidade e membros da comunidade é uma prática que se relaciona de forma integrada com as três vertentes que o Programa de Educação Tutorial busca trabalhar de forma integrada em suas atividades.

Os autores Xavier e Goulart (2008) afirmam que a aproximação de docentes e discentes no ambiente universitário configura importante ferramenta na construção do conhecimento do graduando. O encurtamento desta distância pode ser realizado de diversas formas, dentre as quais

estágios e demais atividades extracurriculares, sendo estas, constituintes da normalidade das Instituições de Ensino Superior.

Assim, a realização de eventos como as Jornadas do EtnoPET visa contribuir para a aproximação dos diversos segmentos do público acadêmico, em específico para aqueles interessados em contribuir para o estudo e contexto das comunidades tradicionais.

METODOLOGIA

O planejamento das Jornadas I e II do Grupo EtnoPET realizou-se da seguinte maneira: 1º) encontros semanais para elaborar as temáticas e as estratégias de divulgação do evento; 2º) escolha das datas e envio dos convites aos palestrantes; 3º) divulgações do evento através da confecção de materiais impressos e das redes sociais; 4º) produção de copos reutilizáveis e blocos de notas feitos com materiais recicláveis, que foram distribuídos nos dias das Jornadas; 5º) o evento em si, com as apresentações programadas; 6º) reunião de avaliação pós-evento.

Segundo Matias (2004, p.75-76) um dos conceitos de "evento" é a soma de ações previamente planejadas com o objetivo de alcançar resultados definidos perante seu público-alvo.

A construção dos dois eventos Jornadas do EtnoPET, tiveram início alguns meses antes de efetiva realização de cada um deles. Na dinâmica de reuniões semanais do Grupo EtnoPET, por cerca de noventa dias anteriores às datas das Jornadas, houveram discussões sobre os subgrupos de trabalho, sendo eles, de logística (alimentação, materiais para distribuição e divulgação), temático (de discussão conceitual sobre os temas a serem abordado) e de contatos com palestrantes e convidados.

RESULTADOS E RELATOS DE EXPERIÊNCIA

A primeira edição do evento aconteceu entre os dias 25 e 26 de outubro de 2018 no Auditório do Pavilhão de Aulas Teóricas (PAT) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, possuindo como tema principal a relação entre "Educação e os Povos e Comunidades Tradicionais".

Entre os dois dias da I Jornada representantes indígenas, quilombolas, caiçaras e da religiosidade de matriz africana compuseram um cronograma formado por mesas redondas, místicas e palestras. A Figura 1 apresenta a agenda do evento a partir de um dos materiais de divulgação utilizados.

AGENDA I JORNADA EtnoPET	
EVENTO COM CERTIFICADO	
INSCRIÇÕES NOS DIAS DA JORNADA	
25/10 QUINTA	26/10 SEXTA
17:15	17:15
CREDENCIAMENTO	CREDENCIAMENTO
18:15	18:15
"Representatividade das populações Quilombolas do Estado do Rio de Janeiro"	"Educação & Questão Caiçara"
19:50	19:50
POR RONALDO QUILOMBOLA	POR MARCELA ALBINO E MAURÍCEIA PIMENTA
19:50	19:50
INTERVALO PARA O CAFÉZINHO (COFFEE BREAK)	INTERVALO PARA O CAFÉZINHO (COFFEE BREAK)
20:10	20:10
Candomblé e o combate ao racismo religioso. Narrativas e vivências de dentro do terreiro.	"Indígenas em contexto urbano: Práticas de linguagem em contextos variados, lutas e conquistas"
21:30	21:30
POR BABALORISIA ADALTO ALVES DA SILVA	POR JOSÉ URUTAU GUFUJARRA

Figura 1: Programação da I Jornada do Grupo EtnoPET (2018).
Fonte: acervo do Grupo EtnoPET (2018).

Através do que pode-se observar no cronograma da figura acima, destacou-se no evento, o currículo e a relevância que os convidados para a I Jornada possuíam dentro de suas comunidades. Ronaldo Quilombola, o primeiro convidado a se apresentar, escolhido pelo grupo a partir de discussões realizada na fase "pré-evento", em função de sua importante história e atuação destacada como liderança quilombola, desde sua juventude, principalmente na região conhecida como "Costa Verde" do estado do Rio de Janeiro. Ronaldo foi fundador da ACQUILERJ - Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Estado do Rio de Janeiro, fundador do Fórum das Comunidades Tradicionais (Angra dos Reis/RJ, Paraty/RJ e Ubatuba/SP), Coordenador da CONAQ - Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas, músico e integrante do grupo de rap Quilombola Realidade Negra, foi Secretário de Cultura em Paraty, e militante de movimentos sociais, exercendo papel de liderança comunitária há mais de

20 anos.

Abordando a temática “Candomblé e o Combate ao Racismo Religioso – Narrativas e Vivências de Dentro do Terreiro” o convidado foi o Babalorisa Adalto Alves da Silva. Adalto foi iniciado na religião de matriz africana no ano de 1990 pela Yalorisá (Ialorixá) Maria do Perpétuo (in memoriam), a partir daí enfrentou várias barreiras com a intolerância religiosa. O palestrante foi sempre militante do movimento de povos de Terreiro e, dentro da temática proposta para sua apresentação, abordou a importância da tradição oral e do ensino reproduzido dentro dos terreiros.

No segundo dia da I Jornada do Grupo EtnoPET, a mesa redonda foi composta pela representação das caixaras Mauriceia e Marcela e teve como tema central a “Educação e a Questão Caixara”. Mauriceia Pimenta Tani é formada em Licenciatura em Educação do Campo e integrou o grupo EtnoPET durante o seu processo formativo na graduação em Licenciatura em Educação do Campo pela UFRRJ. Representante do Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina – OTSS, Marcela Albino Cananéa, também é formada em Educação do Campo e integrou o Grupo EtnoPET entre os anos de 2010 e 2013.

A última liderança a se apresentar no evento foi o indígena José Urutau Guajajara. Criado em uma Aldeia Guajajara no estado de Maranhão. Urutau veio para o Rio de Janeiro ainda jovem para estudar e trabalhar. Em 2006, ele participou do grupo de indígenas de várias etnias que fundou a Aldeia Maracanã, no prédio abandonado do antigo Museu do Índio, localizado ao lado do estádio do Maracanã. Urutau é pesquisador de linguística do Museu Nacional da UFRJ e professor de língua e cultura indígena na FAETEC-ISERJ e mora, atualmente, no Centro de Etnoconhecimento Sociocultural e Ambiental Caiuré (CESAC) em Tomás Coelho, na cidade do Rio de Janeiro/RJ um local onde vivem indígenas alocados dentro do contexto urbano.

Os temas abordados na I Jornada do Grupo EtnoPET foram impactantes para os participantes. A participação de ex-petianas (Mauriceia e Marcela) teve especial atenção nos discentes de graduação que compareceram ao evento, pois percebeu-se através dos questionários, a

empatia e a referência como ex-discentes da UFRRJ e ex-petianas que suas falas causaram aos jovens presentes.

Visando a disseminação das dinâmicas realizadas pelo grupo, no dia três de dezembro de 2019, realizou-se a II Jornada do Grupo EtnoPET, que teve como objetivo fomentar o debate acerca das folhas sagradas e sua importância, não só para os que seguem os preceitos das religiões de matrizes africanas, como também para os que desejam implementá-las em sua alimentação do dia a dia.

O evento aconteceu no mesmo auditório do Pavilhão de Aulas Práticas (PAT) da UFRRJ, Campus de Seropédica, e contou com apresentação de dois grandes projetos desenvolvidos pelo grupo: a exibição do filme "Iroko - A Árvore Sagrada" e o lançamento do livro "OGBÀ MÍMO - Livro das Folhas Sagradas" projeto desenvolvido pela autora e petiana Deborah Terezinha Conceição (CONCEIÇÃO, 2019).

Após uma breve abertura ocorreu a exibição do filme sobre o Iroko, produzido através do projeto "Cuidando das folhas sagradas", uma parceria entre o PET-Etnodesenvolvimento da UFRRJ, envolvendo o Núcleo de Estudos e Extensão Grafias e Heranças Africanas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NEGHA/URFJ), e a Casa de Candomblé Ilê Axé Opô Afonjá⁵, localizado em São João de Meriti/ RJ.

A parceria mencionada surgiu em decorrência de uma dificuldade que o terreiro vinha enfrentando com a comunidade onde está localizado. Há, dentro do espaço religioso, uma árvore sagrada, conhecida pelo nome vulgar de Figueira Branca ou Gameleira, espécie do gênero *Ficus*. Um dos atributos dos indivíduos dessa espécie é a capacidade que possuem de crescer e atingir grandes dimensões, espalhando suas fortes raízes por encanamentos próximos, prejudicando construções, calçamentos e etc, se estiverem em locais próximos a construções, calçamentos ou vias asfaltadas. Por se encontrar em um espaço que limita o seu desenvolvimento, o Iroko plantado dentro do Ilê⁶ começou a crescer e espalhar suas raízes por um vasto

⁵ Primeiro terreiro de candomblé fundado no Rio de Janeiro em 1886 por Mãe Aninha de Afonjá.

⁶ Casa de candomblé ou terreiro de candomblé.

território que cerca o terreiro, fazendo com que as casas e estabelecimentos que se situam ao redor sentissem os impactos de sua presença. A grande dificuldade que o terreiro enfrenta atualmente é que, por se tratar de um patrimônio tombado pelo Instituto Estadual de Patrimônio Cultural (INEPAC) e também por ser uma árvore sagrada, sua retirada não constitui uma tarefa simples.

Em função disso, o grupo EtnoPET envolveu-se em um projeto que concentrou energia, juntamente com a comunidade do terreiro e dos órgãos que regulamentam o tombamento da árvore, na busca de soluções e alternativas que se mostrassem viáveis tanto no quesito religioso, quanto logístico, e que pudesse trazer resultados benéficos e efetivos para os moradores da região, frequentadores da Casa e comunidade envolvida como um todo.

O desenvolvimento do trabalho foi documentado através de entrevistas e narrativas que geraram um documentário financiado através de um Edital da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que disponibilizou recursos para as filmagens e edições. A Figura 2 apresenta um dos materiais utilizados na divulgação da II Jornada do Grupo EtnoPET.



Figura 2: Material de divulgação da II Jornada do Grupo EtnoPET (2019).
Fonte: acervo do Grupo EtnoPET (2019).

O lançamento do livro “OGBÀ MÍMO - Livro das Folhas Sagradas” foi fruto de um projeto dirigido pela companheira Deborah Terezinha Conceição e por sua profunda imersão nos jardins encontrados na UFRRJ, no Campus de Seropédica/RJ. Na ocasião da II Jornada do Grupo EtnoPET, a autora revelou todo o percurso realizado para criação da obra e apresentou a equipe envolvida no projeto. Ao final foram respondidas perguntas formuladas pelos discentes e docentes que prestigiaram o evento.

Através da participação do público presente, constatou-se que o resultado final do trabalho desenvolvido pelo grupo EtnoPET foi mais que satisfatório. Conseguiu-se trazer ao público temas que, por vezes, estão longe de serem discutidos no cotidiano da Universidade e colocar os representantes das Comunidades e Povos Tradicionais como protagonistas na produção de acadêmica.

Na intenção de examinar a opinião do público em relação as atividades desenvolvidas pelo PET, foram tomados quinze depoimentos e

selecionados dois deles para inserção neste trabalho. O primeiro, foi de um discente graduando do curso de Filosofia da UFRRJ, o segundo foi dado por uma discente graduanda do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFRRJ, ambos sem vínculo formal com o EtnoPET.

Segundo, Renato Freitas (ENTREVISTADO 1 - nome fictício), aluno do terceiro semestre de Filosofia pela UFRRJ:

O evento foi diferente de tudo que já tinha presenciado na academia. Não tinha a menor ideia de muitas coisas que foram apresentadas nessa noite. Foi uma oportunidade única de ampliar meus horizontes acadêmicos e olhar para esses povos com outras perspectivas. Eventos como esses são necessários para a construção de uma Universidade antirracista. A partir dessa vivência comecei a me interessar mais pelos temas abordados. Foi um divisor de águas para minha vida acadêmica, como futuro professor e pesquisador. O Grupo EtnoPet prestou um grande serviço à toda comunidade presente.

A seguir o depoimento de Juliana Faria (ENTREVISTADO 2 - nome fictício), graduanda do segundo semestre do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFRRJ:

- Sagrado. É com essa afirmação que eu, Rafaela Cardoso, estudante do segundo período da LEC, começo minha fala sobre o que vi e senti durante todo evento da II Jornada do Grupo EtnoPET, que ocorreu em dezembro de 2019, no auditório localizado no PAT na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Ao longo de todo evento tive a sorte de experienciar afeto, e uma partilha prazerosa de saber e respeito pela ancestralidade, logo pela natureza. Essa experiência só foi possível, em função de todos os signos presentes, especialmente os que foram utilizados para criar a estética do evento, pois colaboraram ainda mais para produzir uma aura totalmente autêntica, ao caráter de uma noite tão especial. O evento foi um belo abraço em todos que estão vivendo em harmonia com a natureza, e com seu processo de resgate ou de afirmação da potência ancestral em sua vida. Além disso, foi uma abundante oportunidade, a experiência de assistir uma apresentação de tamanha importância para todos que compreendem o quão necessário, e subversivo, é falar do sagrado no meio acadêmico. Foi extremamente potente e revolucionário ouvir as falas sobre o Iroko, uma árvore sagrada em uma sociedade que teve sua relação com a natureza cerceada por crenças distorcidas. O filme, teve como propósito a memória do sagrado, mas para além disso, nos faz um convite com um duplo desafio, o de ressignificar nossos valores e nossa relação com a natureza, para assim, acessar a cosmovisão fornecida pelas religiões que fazem da árvore, o

que ela de fato representa, um ser sagrado como todos os outros. Ademais, para um povo que teve seu saber ancestral apagado, o livro Ogbà Mímo é uma dádiva, e tem por finalidade reforçar que a sabedoria das plantas é uma importante herança que nos conecta aos nossos ancestrais. Um povo visionário, que viu na resiliência das plantas, sabedoria para cura de tudo que envolve a humanidade, pois supera a proteção do corpo, e garante a preservação e continuação da vida. Com isso, findo minha fala e agradeço a oportunidade de refletir sobre aquele dia tão bonito. Memorável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de dar visibilidade aos trabalhos protagonizados por discentes, petianos ou não, vinculados aos povos e comunidades tradicionais, a Jornada EtnoPET apresenta-se no contexto acadêmico como grande aliada ao pensamento decolonial⁷, ou seja, proporcionando a discussão de temas ainda pouco comuns na academia.

No que diz respeito às temáticas abordadas, os trabalhos e projetos apresentados ao longo dos eventos, ao expor seu contexto tradicional, destacaram-se por sua inovação científica e por sua produção conceitual altamente sofisticada.

Associadas ao caráter pedagógico, as Jornadas do Grupo EtnoPET cumpriram os objetivos de proporcionar aos participantes subsídios para trabalhar com a superação do preconceito, a valorização dos povos e comunidades tradicionais, a implementação da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e visa incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" e a promoção da cultura brasileira.

Em avaliação posterior ao evento a Comissão Organizadora, ou os integrantes petianos puderam verificar e refletir sobre a grande interação proporcionada pelos eventos, entre discentes, docentes e comunidade. Através da dinâmica de perguntas e provocações feitas aos palestrantes, os

⁷ O pensamento decolonial refere-se a reflexão sobre a liberdade ou libertação dos povos tradicionais. Também ao reconhecimento de sua importância política, cultural, política e ideológica.

temas debatidos e apresentados comprovaram sua relevância e necessidade de um maior número de momentos onde possam ser abordados com visão contributiva e intuito de contribuição para um melhor entendimento acadêmico e social, através de atividade de extensão universitária, como estas que as Jornadas do EtnoPET propiciaram.

Por fim, é possível afirmar que as Jornadas do Grupo EtnoPET, conseguiram compreender, através de diferentes formas, falas sobre a ancestralidade, sobre a cultura e sobre a educação, através de temáticas singulares, reproduzidas por povos e comunidade a partir do olhar científico proporcionado pelas experiências junto ao grupo de educação tutorial.

A cada ano subsequente o EtnoPET pretende, e entende como necessária e de extrema importância, a continuidade das Jornadas, fazendo com que todos os projetos desenvolvidos pelo grupo possam ser divulgados, ter sua discussão ampliada e multiplicada através da presença de todos aqueles que estiverem presentes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 07 de fevereiro de 2007.

CONCEIÇÃO, Deborah Terezinha; **Ogbà Mimó: Livro das Folhas Sagradas**. 1. ed. Campinas/SP: D7, 2019. p. 1-95.

ENTREVISTADO 1. Perguntas sobre a II Jornada do Grupo EtnoPET. Entrevista concedida aos integrantes da Comissão Organizadora. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/RJ, 03 dez. 2019.

ENTREVISTADO 2. Perguntas sobre a II Jornada do Grupo EtnoPET. Entrevista concedida aos integrantes da Comissão Organizadora. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/RJ, 03 dez. 2019.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA II JORNADA DO GRUPO ETNOJET. 2019. 2018. cartaz, color. Disponível em: <http://www.instagram.com/p/B-7nwekJLD-/>. Acesso em: 10 ago. 2020.

MATIAS, Marlene. **Organização de eventos: procedimentos e técnicas**. 3ª ed. Barueri:Manole, 2004.

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior (2006). **Manual de Orientações Básicas do Programa de Educação Tutorial (PET)**. 2006. Disponível em: www.portal.mec.gov.br/pet. Acesso em 10 ago. 2020.

PROGRAMAÇÃO DA I JORNADA DO GRUPO ETNOPET. 2018. **cartaz**, color. Disponível em: http://www.facebook.com/etnopet/photos/a.4721133_36629329/478140249359971/. Acesso em: 10 ago. 2020.

XAVIER, B. T. de L.; GOULART, D. F. **Ensino, pesquisa e extensão consorciados**: a fórmula do sucesso do Programa de Educação Tutorial/PET. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/PET/pet_texto_iii.pdf. Acesso em: 09 ago. 2008.

Recebido em: 30 de maio de 2020.

Publicado em: 28 de outubro de 2020.